

11 A 13
DE DEZEMBRO
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL
NA UFRPE RECIFE

2º Congresso Internacional de Agroecologia
e Desenvolvimento Territorial (CIADT)
11º Seminário de Agroecologia e
Desenvolvimento Territorial (SEADT)

TEMA

Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas

UNIVASF UNEB APOIO CAPES

Rastros de floresta: acordar, em rede, caminhos de transição agroecológica, agroflorestal e etnoflorestal

Mariana Maciel de Albuquerque, Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial; Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); E-mail: albuquerque.mariana@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4641070133371321>; ORCID: 0000-0002-8407-4992.

Sérgio Romualdo dos Santos, Doutorando em Antropologia; Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); E-mail: gwirikaiowa@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0531353246120489>.

Ana Cláudia de Lima Silva, Doutora, Professora; Universidade Federal de Goiás (UFG); E-mail: claudia.lsilva2@ufrpe.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1254542675743579>; ORCID: 0000-0001-8229-4986.

Tâmara Gomes Pacheco Sobreira, Mestre em Saúde Pública; Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); E-mail: tamarasobreira@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3126815025186053>.

Tiago Salgueiro Tavares da Silva, Comunicador Social; Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); E-mail: ticosalgueiro@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9846328319438954>.

Linha de Pesquisa I: Identidade, Cultura e Territorialidades.

1 Introdução e referencial teórico

A crise da civilização moderna, invenção de cerca de 300 anos, tem motivado crescente preocupação com o futuro (TOLEDO, 2013; 2012). Os problemas ambientais acentuados nos últimos 10 anos – crise climática, contaminação, desertificação e desmatamento – têm influência direta sobre a disponibilidade de alimentos (RODY & TELLES, 2021). Sobram alimentos, porém falta comida nos países periféricos, enquanto há excesso de doenças ligadas ao sobrepeso nos países do Norte, bem como países de baixa e média renda (OPAS, 2018). Tendências aumentam a pressão da produção de agrocombustíveis e pasto para gado na superfície agrária (COLLADO *et al.*, 2013).

Tal pressão afeta não só a disponibilidade de alimentos, como também ameaça a biodiversidade. A Convenção de Diversidade Biológica da ONU (2020) relaciona a expansão dos monocultivos e os grandes projetos de infraestrutura à atual ameaça de extinção de 1.173 espécies da flora brasileira.

Tais dinâmicas ameaçam a espécie humana, o equilíbrio planetário e a vida em si, e chamam por novos paradigmas (TOLEDO, 2012). A partir da Agroecologia, Sevilla (2006) e Toledo e Barrera-Bassols (2008) enfatizam a necessidade do manejo de recursos naturais e serviços ambientais de forma coletiva nos sistemas agroalimentares, para perpetuação da biodiversidade e memória biocultural das populações, fundamental para a vida nos territórios. Isto demanda modos alternativos de produção, circulação, transformação e consumo de matérias-primas e alimentos (CALLE, SOLER & RIVERA 2011, *apud* COLLADO, 2013).

É necessário o resgate das trocas de circuito curto (DAROLT & ROVE, 2021), com foco em fortalecer agricultores/as locais, priorizar e valorizar quem cultiva alimentos de qualidade e sem veneno, e perpetua os saberes tradicionais e respeito à natureza. Famílias agricultoras enfrentam a “escravidão moderna” e mazelas da colonização, como terras enfraquecidas e envenenadas, desigualdade social e racismo ambiental - desde que têm sua origem majoritariamente indígena, africana e quilombola. Ainda, a agricultura e logística agregada devem se adaptar às mudanças climáticas, já realidade nos cultivos atuais.

A agricultura tem base nos conhecimentos das sociedades indígenas. A partir da modernização, contudo, seus povos e conhecimentos foram enterrados. A agroecologia busca elementos indígenas e tradicionais, que protegem historicamente a imensa biodiversidade do Brasil, pela diversidade étnica e sociocultural de seus povos. As práticas produtivas e seus significados simbólicos foram amplamente destruídos. No entanto, a sua relação com a natureza é base para a agroecologia (RODY & TELLES, 2021; SOUZA & MEDRADO, 2015).

As práticas camponesas têm como substrato estratégias solidárias das lutas sociais e das redes de apoio e intercâmbio. Esta cooperação social que constrói estilos alimentares equitativos e sustentáveis são pensadas para a democratização alimentar, através da agroecologia política (SEVILLA, 2006).

Portanto, em rede devem ser criados os caminhos de transição. Neste contexto, o coletivo Acorde a Floresta foi criado, durante a pandemia da Covid-19, por pessoas interligadas no Recife e suas adjacências, em experiências colaborativas e mercadológicas de alimentos e produtos locais, artesanais e de base agroecológica, que procuram deixar rastro de floresta.

O Acorde reúne artistas, cientistas, famílias agrofloresteiras e etnofloresteira - a partir do agricultor indígena Sérgio Gwiri - Guarani Kaiowá. Seus intercâmbios abertos constituem

um movimento agroecológico que cultiva a relação da biodiversidade com a diversidade da expressão artística, desde a compreensão que ambas são tão imbricadas, que são uma coisa só.

O mote é tocar floresta, reaprender a viver da floresta, ser floresta, a partir de uma transição, onde queremos chegar a uma sociedade justa e respeitosa com a Mãe Terra (“*Yvypyte*”, desde o Guaraní Kaiowá) e todos os seres, a partir do Bem Viver (“*Teko Porã*”, desde a mesma linguagem).

São caminhos de encantamento, com cultura popular e sabedorias ancestrais em contato íntimo com a biodiversidade local, no caso a Mata Atlântica, que abriga cerca de 70% das pessoas do Brasil, tendo mais de 93% da sua extensão original já desmatada, restando menos de 7% em remanescentes fragmentados com altíssimos níveis de biodiversidade e endemismo, e muitas espécies ameaçadas de extinção (GALINDO-LEAL & CÂMARA *apud* SAYRE, 2003; FILHO *et al.*, 2023).

Nós viemos da floresta. Os 93% de Mata Atlântica que estavam aqui eram a casa de nossos ancestrais, que colhiam, semeavam naturalmente, dispersavam e cultivavam alimentos da mata. Representa nossa memória biocultural, produtos de nossas trocas, recursos para nossa sustentação.

Com os impactos da colonização na agricultura, Collado *et al.* (2013) traz a necessidade atual de inovações sociotécnicas e fortalecimento das práticas das economias camponesas. Propostas da política agroecológica devem analisar e atuar sobre as instituições e os conflitos sociais, a partir de um metabolismo social que situe a reprodução da vida no centro (TOLEDO, 2013; CALLE, CUÉLLAR & VARA, 2013, *apud* COLLADO *et al.*, 2013).

GOODMAN *apud* GAZZOLA & SCHNEIDER (2017) defende a urgência da criação de uma política alimentar revigorada, voltada a garantir o acesso equitativo de alimentos nutritivos e de qualidade entre pessoas de diferentes classes sociais e de forma a sustentar meios de subsistência “justos” para agricultores, trabalhadores agrícolas e outros atores do abastecimento alimentar.

Como é possível, portanto, cocriar e conectar sistemas agroalimentares democráticos e biodiversos? Quais movimentos, práticas e políticas podem inspirar e apoiar novos caminhos? Onde encontrar pessoas e instituições que desejem estar rede pelas matas?

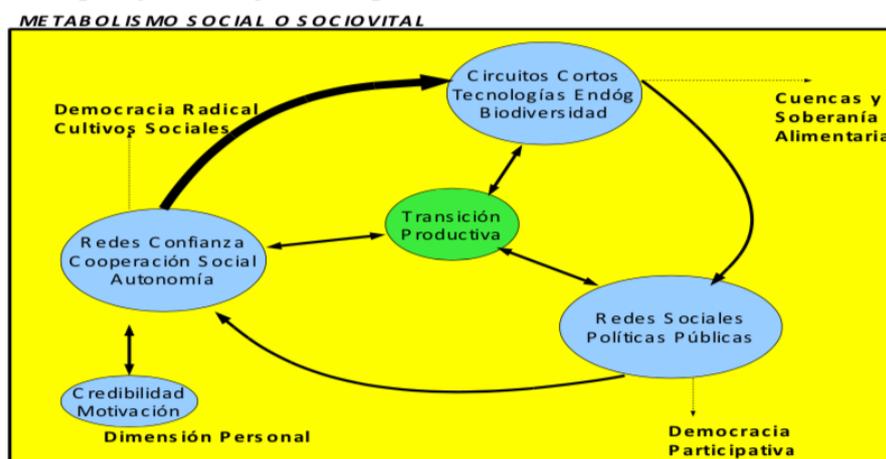
Do campo à cidade, desde cultivos agroecológicos e agroflorestais a circuitos curtos de comercialização, o presente trabalho se debruçou sobre as estratégias do coletivo e movimento Acorde a Floresta para cocriar caminhos de transição que deixem rastro de floresta regenerativos da Mata Atlântica. Ainda, levantou estratégias para melhorar o acesso equitativo aos alimentos e produtos.

3 Metodologia

A pesquisa buscou compreender as confluências que desaguaram num coletivo que busca cultivar alimentos e deixar um rastro regenerativo florestal. Ainda, descreveu a busca por estratégias de melhorias dos processos de metabolismo social do grupo desde a agroecologia política e os mercados de base agroecológica, como defendido por Alimonda (2006), que alerta que a Agroecologia deve manter uma vigilância reflexiva sobre a sua própria prática.

Para isto, a primeira etapa tratou-se do relato das experiências de mercado no fluxo campo-cidade, seguida da análise coletiva de seu metabolismo social - a partir do diagrama de Collado *et al.* (2023):

Figura 1: Matriz positiva de transição agroecológica a partir de redes de cooperação emergentes, a partir do Metabolismo social ou sociovital.



Fonte: Collado *et al.*, 2013.

Ainda, promovemos um olhar coletivo sobre os produtos e alimentos oferecidos, bem como um exercício do pensar e compartilhar sobre estratégias de fortalecimento da agricultura familiar e do aumento do acesso aos mesmos que ultrapasse barreiras raciais e socioeconômicas. Buscou-se, portanto, encontrar caminhos de persistência na transição agroecológica para redes de base agroflorestal.

4 Resultados e Discussão

Assim como a floresta consiste na diversidade em cooperação, sob efeitos de condições específicas locais, a busca pela transição agroecológica do metabolismo social perpassa uma diversidade de fatores.

A partir de um grupo de mutirões solidários agroflorestais, o Coletivo Acorde a Floresta foi firmado durante a pandemia, como resposta a tempos desafiadores de saúde mental e crise planetária, a partir de encontros virtuais. Na busca de encontrar caminhos de encantamento, o

acorde mergulhou na fricção entre a arte e a biodiversidade, buscando caminhos de volta para a terra.

O Acorde, como uma composição de notas musicais, trata-se de uma costura entre pessoas de diferentes idades, desde crianças, adolescentes, jovens e adultas, perpassando gerações em conversas, vivências, trabalhos e imersões com mote na cultura de floresta.

O coletivo agrega pessoas do campo, da cidade e de territórios intermediários, a citar o Recife e seus rios, mangues e ricas expressões artísticas, passando por Camaragibe e suas férteis matas vertedoras de nascentes, e Paudalho e suas agriculturas vizinhas de florestas, chegando a Amaraji e Chã Grande, também territórios da Mata Atlântica, alcançando a transição com o Agreste pernambucano.

Este fluxo pulsante entre a cidade e o campo vem sendo construído pela rede desde 2008, perpassando a implementação do Sistema Agroflorestal Experimental da UFPE, de agroflorestas familiares, como a Agrofloresta Passarinho (Chã Grande) e o Sítio Tamoromu (Amaraji), e parcerias com a Quitanda Agroecológica (itinerante) e Quitanda de Seu Flô (loja fixa) na Região Metropolitana do Recife - RMR.

Durante a pandemia, estratégias voltadas à soberania alimentar foram construídas, a citar a entrega de cestas produzidas por Sérgio Gwiri Kaiowá, a partir da Comunidade que Sustenta a Agricultura - CSA Yvy Porã, às mulheres negras do grupo Espaço Mulher de Passarinho - bairro da periferia do Recife - a partir de edital do Fundo CASA e rede de colaboração, bem como através do CSAcorde, com cestas da Agrofloresta Passarinho. A pandemia escancarou as injustiças sociais, dores e medos da desigualdade e da insustentabilidade nos centros urbanos e zonas rurais.

Foi um período também desafiador para parceiros de mercado, encerrando as atividades da Quitanda de Seu Flô e culminando por encerrar, anos depois, a Quitanda Agroecológica. Os desafios logísticos, bem como a competição desigual com varejistas e atacadistas, tornaram ainda mais complexa a perpetuação destes circuitos curtos na RMR.

Com o fim do isolamento social - momento de costura com guardiões/ãs da cultura e sabedoria popular, os encontros presenciais do Acorde se fortaleceram a partir de imersões agroflorestais e musicais. Deu-se início à busca de estratégias econômicas em conexão com a floresta. Os trabalhos com consultoria agroflorestal, a citar a parceria com o Coletivo Kapi'Wara / Associação Agroecológica, os editais culturais, a colaboração entre microempreendimentos individuais (MEI) consistem em formas potentes, porém instáveis e por vezes desvalorizadas, de geração de renda com rastro de floresta. Inclui-se aqui atividades de agricultura urbana e a

campanha Refloresta: atrelar processos organizacionais ao plantio de agroflorestas (ex. a cada matrícula realizada na Escola Waldorf Rural Turmalina, uma árvore será plantada).

Um projeto de vida coletivo permeia o trabalho de cocriação de espaços pedagógicos imersos nas florestas, enquanto pontos de cultura, saúde e agroindústrias-escola, onde pessoas possam habitar e trabalhar em conexão e regeneração agroflorestal, física, mental e espiritual.

O coletivo realiza oficinas e mutirões que integram arte, destacando a música, e manejo agroflorestal. Misturando o som e o plantio de espécies utilizadas para a confecção de instrumentos musicais em meio a alimentos agroecológicos, a rede se expandiu e experiencia a criação e venda de produtos, a citar: frutas desidratadas, molhos de pimenta, chocolates, pães e doces, cosméticos naturais, objetos de vestuário, decorativos e instrumentos para o trabalho agroflorestal (coldres).

Tais itens são comercializados nas vivências, bem como na Feira Orgânica da Praça de Casa Forte, em local nobre da cidade com público de classe privilegiada, onde percebe-se um aumento crescente na demanda por orgânicos e agroecológicos, ainda a consciência sobre quais produtos são provenientes das florestas em pé.

Revisar e relacionar abordagens de mudança social, desde o pessoal e micro até o institucional e macro, reflete sobre condições ou modelos para uma transição agroecológica, incluindo inovações técnicas, configuração institucional de sistemas agroalimentares sustentáveis e metodologias de intervenção social participativa (COLLADO *et al.*, 2013).

O mercado atacadista vem ganhando espaço, afastando ainda mais os consumidores dos agricultores/as familiares e se apropriando dos termos: orgânicos, locais, artesanais. Globalizado, industrializado, concentrando renda nas mãos de poucos, rompe com as culturas campesinas, aumentando o contexto de insustentabilidade em como nos alimentamos (COLLADO *et al.*, 2013; GOODMAN *apud* GAZZOLA & SCHNEIDER, 2017). Sem mudanças políticas e institucionais profundas, as redes alimentares alternativas correm o risco de ficar limitadas a prover “pessoas abastadas” (GOODMAN *apud* GAZZOLA & SCHNEIDER, 2017).

Faz-se necessário reafirmar a questão central da agricultura familiar campesina na promoção de sistemas agroalimentares sustentáveis, observando recortes de classe, raça, etnia e gênero. Faz-se necessário reconhecer, ainda, a classe privilegiada de grande parte das pessoas do coletivo, com o dever de fortalecer o olhar e a práxis em rede para estas questões, e em respeito às matas.

A CSA Yvy Porã e o Acorde movimentam mutirões, mutirinhos, oficinas, ora com recorte de raça, ora abertas, e atividades pedagógicas (através do Bacharelado em Agroecologia

Campeinato e Educação Popular da UFRPE e outros). A CSA inclui pessoas de diferentes classes sociais, sendo que algumas pagam para que outras possam usufruir das colheitas e prestar apoios não remunerados à comunidade. Porém, enfrenta instabilidades, desde que os recursos financeiros necessários nem sempre são garantidos - pela saída constante de membros pagantes.

Enquanto estratégia de melhoria, tem-se a oportunidade de criação de campanha de divulgação da CSA na Feira de Casa Forte, desde que estes espaços são estratégicos para mudanças de cultura. Ainda, se vê necessário o atuar nas escolas, com uso da cultura e mobilização das juventudes, aproveitando as crianças e jovens do coletivo.

Em relação à incidência política, quatro integrantes atualmente trabalham na administração pública, 2 na municipal (prefeitura e câmara de vereadores) e 2 da federal (ministério e universidade), atuando nas políticas públicas em Educação, Saúde, Agroecologia, Agricultura Urbana, Cultura, Redes, Raça, Gênero e outras.

Por outro lado, participam de movimentos sociais e da criação de um Sistema de Garantia Participativo, ainda inexistente em Pernambuco. Inspirados na Rede Povos da Mata, no Instituto Cha, Instituto Feira Livre, Rede Ecovida, Cooperafloresta e outros, o coletivo busca estratégias de institucionalização que estruturem mudanças significativas.

Assim, percebem-se ações oportunas para aumentar o rastro de floresta do coletivo.

5 Conclusões

Recompor a Mata Atlântica e as florestas, e preservar o que ainda resta, perpassam pela necessidade de valorização dos alimentos e produtos provenientes de uma agricultura agroflorestal e etnoflorestal, visando aumentar a demanda e incentivar o cultivo nas matas e com elas. Utilizar a arte nos diferentes espaços de comercialização é uma grande oportunidade do Coletivo Acorde a Floresta para atuar na sensibilização de um maior número de pessoas sobre as possibilidades de um consumo que gere rastro de floresta. Ainda, promover o acesso equitativo dos alimentos e produtos de base florestal deve ser uma centralidade nos sistemas agroalimentares em transição agroecológica. Seguiremos, em rede, reaprendendo a ser floresta.

6 Agradecimentos

A gratidão abraça o coletivo Acorde a Floresta, cada tocadora e tocador de floresta.

7 Referências

- BORSATTO, S. R.; CARMO, M. S. **Agroecologia e sua epistemologia**. Interciencia, Caracas, Venezuela, 2012. vol. 37, núm. 9, p. 711-716.
- COLLADO, A. C.; GALLAR, D.; CANDÓN, J. **Agroecología Política: la transición social hacia sistemas agroalimentarios sustentables**. Revista de Economía Crítica, no16, 2013.
- DAROLT, M. R.; ROVE, O. J. **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social** [livro eletrônico]. Florianópolis, SC: Estúdio Sempredo, 2021.
- FILHO, G. A. P., FRANÇA, F. G. R., ALVES, R. R. N., VASCONCELLOS, A. **Animal Biodiversity and Conservation in Brazil's Northern Atlantic Forest**. Springer, 2023.
- GOODMAN, D. Espaço e lugar nas redes alimentares alternativas: conectando produção e consumo. In: GAZZOLA, M.; SCHNEIDER, S. **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. 1. ed., p. 59-82.
- ONU. **The 6th National Report for the Convention on Biological Diversity**. 2020.
- OPAS. **Alimentos e bebidas ultraprocessados na América Latina: tendências, efeito na obesidade e implicações para políticas públicas**. Brasília, DF. 2018. ISBN: 978-92-75-71864-3.
- RODY, T.; TELLES, L. **Caderneta agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas**. Viçosa, MG: Editora Asa Pequena, 2021.
- SEVILLA GUZMÁN, E. **De la Sociología Rural a la Agroecología**. Barcelona: Icaria, 2006. Asociación Interciencia Venezuela.
- SOUZA, M. M. O.; MEDRADO, J. S. **Agricultura indígena e Agroecologia: reflexões a partir dos conhecimentos tradicionais do Povo Karajá, Aruanã/Goiás**. Revista Territorial - Goiás, 2015. v.4, n.1, p.06-28.
- TOLEDO, V. & BARRERA-BASSOLS, N. **La Memoria Biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**. Icaria Editorial. Barcelona. 2008.
- TOLEDO, V. **Diez tesis sobre la crisis de la modernidad**. Polis Revista Latinoamericana 33, 2012.
- TOLEDO, Vi. **El metabolismo social: una nueva teoría socioecológica**. Relaciones 136, 2013. p. 41-71.